

I Encontro de Estudos Tupi  
Dias 3, 4 e 5 de novembro de 1982  
São Paulo.

CEDI  
CEDI - P. I. B.  
DATA 03 / 06 / 86  
COD. PK D30

OS PARAKANÃ

Breves informações sobre o grupo do Pucuruí

Em julho de 1980 fiz uma visita rápida de quatro dias aos Parakanã do Pucuruí ou 3º Acampamento e de uma semana aos Parakanã do Lontra, dois grupos Tupi que vivem atualmente a margem esquerda do médio Tocantins. O objetivo da minha viagem, na época, não estava voltado para uma pesquisa e em todo caso o que se pode realizar em tão poucos dias de ponto de vista etnográfico é mínimo. Não há como escapar, porém, à tentação e ao hábito de fazer perguntas e descrever as coisas "de modo que estamos acostumados a fazê-lo" para que o novo mundo com o qual entramos em contato se torne, em termos antropológicos, minimamente compreensível e contextualizado. Comecei, assim, pela organização espacial da aldeia, as casas, o levantamento dos grupos residenciais e das relações de parentesco entre os membros da comunidade, além das observações sobre as atividades de subsistência, vida cotidiana e cultura material.

Contatados e transferidos para a Reserva Pucuruí, na época da construção da Transamazônica, os Parakanã do Pucuruí estão sendo neste momento (2º semestre de 1982) novamente transferidos, para outra área mais ao sul, devido à formação do reservatório da hidrelétrica de Tucuruí. Este levantamento, então, registra um momento efêmero de um pequeno bando de índios, etnograficamente desconhecidos(1), demograficamente reduzidos, 36 pessoas em 1980 e 38 atualmente, e cujas possibilidades de sobrevivência parecem precárias.

A aldeia do Pucuruí estaria formada por um segmento de uma unidade maior chamada os APUITEREWA. A aldeia do Lontra estaria constituída de um grupo APUITEREWA e de um grupo TAPIIPI. Os Parakanã arredios, ainda não contatados, seriam, segundo os índios do Pucuruí APUITEREWA, e seus parentes( Antonio Carlos Magalhães i.p.). Ao que tudo indica trata-se de dois grupos locais, mas desconhece-se a história pré-contato das relações intra-tribais Parakanã. O que sabemos é que o grupo do Pucuruí não mantém relações amistosas com os Parakanã do

---

(1) Antonio Carlos Magalhães está atualmente redigindo tese de mestrado sobre este grupo.

Lontra. Na Lontra, por outro lado, os APUITEREWA e TAPIIFI vivem na mesma aldeia, formando, porém, grupos discretamente diferenciados (representados pelas duas casas grandes?) e com tendência ao que parece, a se tornar um grupo local integrado, através de intercassamentos entre APUITEREWA e TAPIIFI.

#### A aldeia do Pucuruí

Nesta aldeia a maioria das 38 pessoas que a compõem são descendentes de uma única família polígina, isto é ~~um~~ um grupo de siblings formado por quatro irmãos, dois homens e duas mulheres, e os filhos destes. Atualmente os casamentos se realizam dentro deste grupo local (vide gráfico da genealogia) entre o irmão da mãe e a filha da irmã, sendo este casamento considerado preferencial, ou entre primos cruzados, o filho da irmã do pai com a filha do irmão da mãe, isto é o casamento com a prima cruzada matrilateral. O gráfico na sua simplicidade paradigmática parece reproduzir o modelo Tupi ideal.

Tratei, a seguir, de sobrepôr o gráfico da genealogia à configuração espacial da aldeia. O número de famílias corresponde, numa certa ordem, ao número e disposição das casas. Em cada casa vive um homem adulto com suas esposas, filhos e sua mãe, se esta estiver viva.

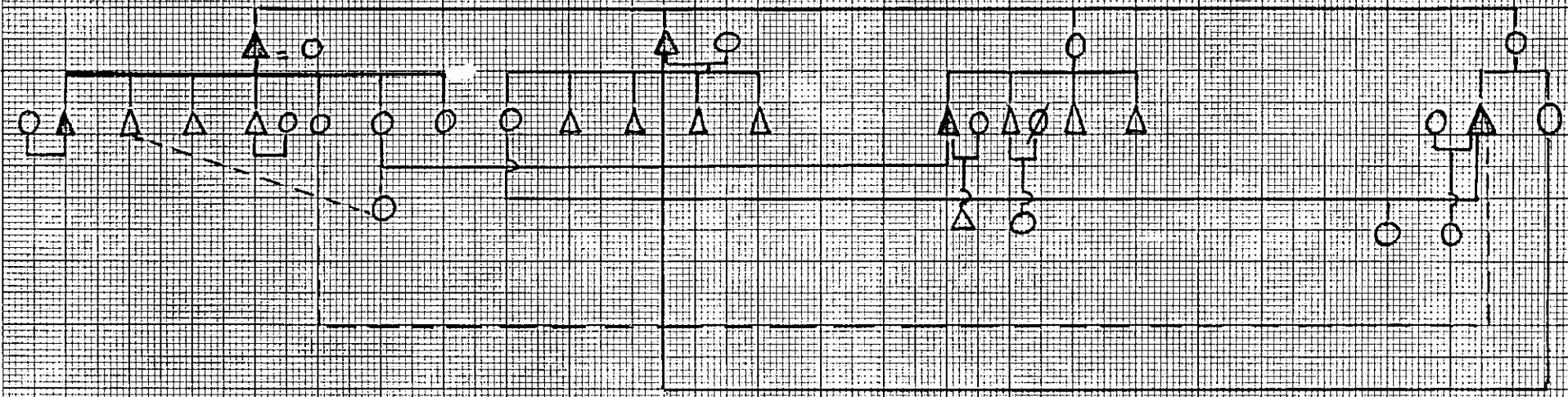
O homem mais velho da aldeia vive na casa 5; viúvo e casado recentemente com uma ex-prisioneira dos kayapó, é paraplético, o que o marginaliza um pouco. Seu filho maior, casado, vive na casa 6. Como acontece também na aldeia de Lontra, pais e filhos ou um grupo de irmãos ocupam, geralmente espaços contíguos. O núcleo da aldeia é formado pelas casas 2 e 3, residindo ali os homens mais em destaque da aldeia. A casa 4 é ocupada por um jovem viúvo e seu filho; sem esposa disponível na aldeia, vive agregado à casa e cozinha de seu irmão. O homem da casa 1, com suas duas esposas jovens e duas filhas pequenas da mesma idade me parecia exemplificar a independência da família polígina na fase em que um homem jovem consolida o seu prestígio.

Devido aos poucos dias de permanência na aldeia não iniciei nenhum levantamento sobre terminologia de parentesco. Esta pequena contribuição poderá ser útil para um acompanhamento da evolução demográfica deste pequeno grupo, a sua estrutura familiar e organização espacial dos grupos residenciais.

Todos os Tupi do Tocantins, Parakanã e Assurini e resta saber até que ponto os Suruí de Sororó, apresentam semelhanças, especialmente no que se refere a língua. Cada sub-grupo porém, mantém uma identidade ~~de~~ ~~grupos~~

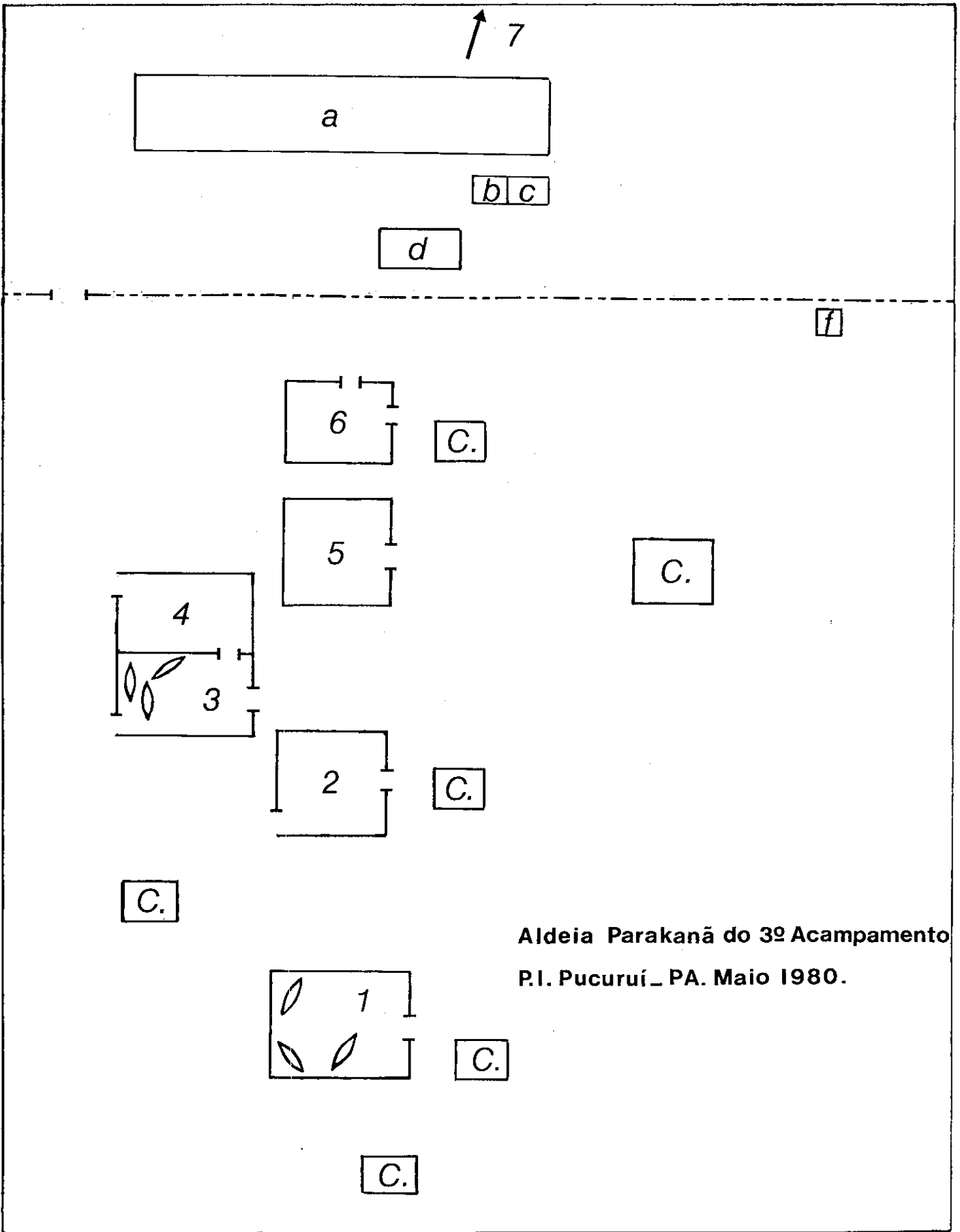


~~A~~ ~~Ø~~



CASAMENTO PREFERENCIAL





Aldeia Parakanã do 3º Acampamento  
P.I. Pucuruí - PA. Maio 1980.

baseada em grupos locais de origem. Assim os Parakanã do Lontra se diferenciam dos de Pucuruí e os Assurini de Tocantins ainda mantêm as fronteiras entre o grupo de Pacajá e do Trocará. Seria interessante poder reconstituir um pouco da história mais antiga destes grupos. As relações entre os Tupi de Xingu e de Tocantins também nos são desconhecidas. Tanto os Assurini de Koatinemo como os Araweté diferem entre si e dos grupos de Tocantins.

As pesquisas em andamento deverão revelar se existe a possibilidade de definir uma sociedade e cultura TUPI e a que nível se situam os aspectos comuns, comparáveis e susceptíveis de transformações. Durante a minha visita aos grupos Tupi de Tocantins, naturalmente, tive a oportunidade de apreender rapidamente as diferenças entre as sociedades Jê e estes grupos e a comparação com os Jê se incorpora automaticamente como instrumento metodológico e teórico da pesquisa. Isto se deve tanto à produção etnográfica e teórica sobre os Jê atuais quanto ao fato de que os Tupi vivem, em parte, na mesma área geográfica de que os Jê do Brasil central.

Me parece, porém, muito cedo ainda para iniciar qualquer comparação sistemática. Antes precisamos conhecer melhor a etnografia dos Tupi atuais e de como estas sociedades pensam e concretizam a sua reprodução social e cultural e de como mantiveram a sua identidade numa área ocupada por tantos grupos indígenas diferentes.

Luiz H. D. A. Z.